

Ralis náuticos

A festa das lanchas em Floripa e Caiobá



NAUTICA Sul

Paraná
Santa Catarina
Rio Grande do Sul

Varando o Varadouro

Um roteiro com todos os waypoints
para você navegar *(sem risco de encalhar!)*
pelo canal mais bonito do Sul do país

Daqui até lá!

O veleirinho que foi e
voltou de Santa Catarina
a Europa numa boa

Bem-vindo a bordo?

Será que você sabe
(mesmo!) receber
convidados no
seu barco?

Grátis
Este exemplar
é seu!
Pegue, leve
e leia

E mais as principais marinas, oficinas e lojas náuticas de
Porto Alegre, Floripa, Curitiba e litoral Sul

O COMEÇO DA
VIAGEM

O Zimbos no
meio de outros
barcos, na ilha
da Cotia, Baía de
Angra dos Reis,
antes mesmo de
deixar a região
Sudeste. A
odisséia estava
apenas
começando





SEM PRESSA
Oswaldo:
21 meses
perambulando
entre o Nordeste,
o Caribe e a
Europa, num
veleirinho de 36
pés

De Santa Catarina a Santa Terrinha

A bordo de um simples veleiro de 36 pés, o paranaense Oswaldo Hoffmann foi de Porto Belo a Portugal e Espanha numa viagem tão longa quanto gostosa. Veja como foi, nestes trechos do seu diário de bordo

Texto e fotos Oswaldo Hoffmann

Eu tinha acabado de completar 50 anos, e vou dizer pra vocês, não é uma efeméride qualquer. Quando fiz 40 foi mais leve, mas meio século é muito mais que meio caminho andado. Sou presênior, num gentil eufemismo do amigo Hans Voswinkel. Então resolvi que não tinha mais tempo a perder, apesar de me achar um cara que nunca perdeu tempo: "Vou me mandar" decidi. E, então, nasceu a idéia de partir na direção norte, até a Europa, via Caribe e todo o litoral brasileiro.

Mou barco era — e ainda é! — o veleiro Zimbros, um 36 pés feito em Porto Alegre, nos estaleiros Delta, do amigo Ricardo Weber. O projeto é do argentino Nestor Volker, que apesar de porneio é um baita cara e um campeão no que faz. O barco era novo (aliás, a melhor marca que existe) e foi para a água em 2 de fevereiro de 2001, dia de Iemanjá, por sinal. Seu porto de partida passou a ser o Iate Clube Porto Belo, em Santa Catarina, de onde parti para, em longas e preguiçosas etapas, vencer as 15 000 milhas desta deliciosa viagem. No total, aporto em 12 países de três continentes, cruzei duas vezes o Atlântico e naveguei durante 21 meses na companhia de 29 diferentes parceiros a bordo. Que iam se revezando na tarefa de curtir a viagem e me fazer companhia numa grande aventura. Esta cujos fragmentos de registros de bordo estão aqui ao lado.

O medo é uma companhia sempre presente para quem navega, principalmente nas longas travessias. Sempre ouço histórias de contêineres abandonados ou de baleias dormindo que se chocam com a embarcação. Um casco rachado abaixo da linha d'água é um pesadelo. Quem diz que não sente nada ou está mentindo ou nunca pensou direito nas consequências de uma pedra ou, melhor, um contêiner, no caminho.

Diferenças à bordo são normais. Você está num cubículo, com outra pessoa le enchendo o saco, sem lugar para onde fugir, e é obrigado a ficar vendo a cara de quem também quer to jogar no mar o tempo todo. Velejar é conviver com forças adversas. E as humanas, às vezes, são muito mais difíceis que as naturais.

A brisa ficou fraca e decidi apelar para o "vento do porão". Quando se liga o motor, o barulho tira a poesia, mas preferíamos ganhar terreno e entrar logo em Ubatuba. Nem sempre dinheiro e bom senso andam juntos, mas ali parece que deu certo. Lanchas apareceram com umas serelas tomando sol no convés. Gostei de pensar que são elas que têm inveja de nós e que adorariam estar voltando ao nível de moleirando. Sonhar é tão bom.

Era sábado e o mar estava cheio de navegadores de final de semana. Barcos de todos os tamanhos tomavam conta da paisagem. O engraçado é que ninguém cumprimentava ninguém. Havia um ar blasé entre os embarcados, assim do tipo "não sei quem você é, portanto não me incomode, também sou importante". Isso não é comum entre os velejadores. Nas cumprimentamos sempre e, se possível,



PAISAGENS

Do Maranhão (última foto abaixo) ao Caribe (acima), Osvaldo experimentou a sensação de deixar o país velejando o próprio barco, o que é sempre emocionante. Pelo caminho, ele foi registrando todas as imagens e paisagens que lhe chamavam a atenção. Como o Penedo de Peñíscola, na Espanha (foto acima) e o pescador e sua canoa se aproximando do Zimbros (ao lado).



trocamos algumas palavras amistosas. Somos uma tribo solidária. Mas as lanchas são a maioria. Afinal, qualquer bobalhão pode ter uma.

...Num barco existem muitos tipos de limitações. As principais são as de consumo de energia e água. Os banhos devem ser super-regulados. Nada desta história de ficar de baixo do chuveiro para relaxar. Lavar louça é outro exercício de economia: deve-se tirar o grosso com água salgada e usar a doce só para enxaguar. Já no banho leva-se o corpo com água do mar e, depois, usando uma garrafa de plástico, tira-se o sal com água doce. Cada tripulante tem direito a uma garrafa por dia. E só! Com frequência, dormimos saídos mesmo. As mulheres detestam esta parte. A esposa de um amigo me contou que toma banho escondida, enquanto ele dorme. Para mim isto daria corte marcial sem direito a recurso!

...A previsão era aportarmos em Parati, mas ficou tarde, e entrar à noite em um porto desconhecido com uma tripulação cansada traz muitos riscos. Os acidentes acontecem na maior parte das vezes na chegada, nunca em mar aberto. Um amigo costuma dizer que adentrar uma baía à noite é como pousar um Jumbo numa pista molhada. Engano dele: é bem pior!

...Fiquei enfiado e chamei o Hugo. Não existe sensação pior no mundo. Pode aparecer a mais formosa dama na sua frente, que você rejeita. Não há Gisele Bündchen no mundo que faça um navegante mareado levantar sequer a pestana do olho.

...O xim é outro drama. Não dá para ficar balançando o pilonete na beirada do barco e nem sempre dá para descer até o banheiro. O negócio é segurar a vontade ou fazer ajoelhado no cockpit, depois jogando um pouco de água em cima. A bordo, certas coisas não tem glamour algum.

...No mar, à noite, a menos que seja por alguma emergência, é importante manter-se afastado de qualquer luz que brilha, não importa que luz seja.

...O litoral da Bahia é formado por recifes que correm paralelos à praia. Como é plano, os rios serpenteiam o litoral, desaguando no mar, entre a praia e os recifes. A demanda destes cursos requer prática e só deve ser tentada com maré alta. Não deu outra: de repente, o Zimbros, fez um barulho dos infernos e bateu numa pedra submersa. Imediatamente, viral o leme para dar meia volta e o barco girou com a quilha sobre a laje, batendo, também, com o leme. Fiquei sem ele e no meio das pedras! "Jogar âncora! Jogar âncora!" gritei, branco de susto. Que barbaragem!

...Um dia a bordo nunca é igual a outro e sempre há o que fazer ou, principalmente, contar. Sentado no cockpit, as histórias vão aparecendo e uma sempre chama outra. Inventar não vale, mas aumentar pode. Segundo o Associação Mundial dos Contadores de Casos, até 30% de exageiros são aceitáveis, desde que numa mentira, digo, num ca-

No final da tarde, acordei com o Beto gritando feito um louco lá no cockpit. Estávamos sendo seguidos por um cardume de baleias-piloto

so bom contado. Era assim que passávamos o tempo a bordo.

...A noite foi dura, achei que o Zimbras não fosse aguentar. Não conseguia tirar da cabeça os barcos que perdiam o tempo e ficam a deriva. Lembra do concerto do meu leme feito lá em Salvador e pensava: "será que aquele cara fez o serviço direito?"

...Cuido ligar que exige higiene absoluta é o banheiro. Como já disse Danuza Leão, "ao sair de um wc, deixe tudo na mais perfeita ordem; aja como se tivesse cometido um assassinato". É uma verdade, mas, infelizmente, nem sempre acontece pelos naufragos. Um barco em alto mar está permanentemente em movimento e acertar o vaso é uma tarefa que exige muita pontaria. Sempre peço que o xixi seja feito sentado, mas para alguns machões, é inaceitável agir como uma menininha. Mesmo que não tenha ninguém como testemunha.

...Anotei-o cedo. Recolhi o telescópio para ver os astros. No escuro, um bom jeito de se navegar é através das estrelas. Marca-se o rumo na bússola e segue-se uma estrela que esteja bem visível. "Siga Antares" eu disse, querendo facilitar a vida do timoneiro. Achei bonito aquele "siga Antares". Tinha tudo a ver conosco naquela hora.

...Em terra firme, aquelas iguanas preparadas pela cozinheira de São Miguel do Gostoso eram impagáveis: fatia de lagosta com postas de peixe fresco e muito cerviça gelada! Rolavei de verdade. De repente, o André comenta: "Engraçado, acho que o barco está andando sozinho...". E, em seguida, berra: "Pôna, o Zimbras está indo embora!". Saímos correndo para o mar. Até hoje não sei o que aconteceu: leme, cabo, corrente, âncora... tudo desapareceu.

... "You mergulhar", disse ao pescador, que me olhava assustado. "Olha moço, se eu fosse o senhor não mergulhava nesse mar, não. Tem muito tubarão!". E me mostrou uma enorme cicatriz na pele, causada por um deles. Senti um frio na espinha.

...Decidimos dar um mergulho para diminuir o stress. Foi uma maravilha poder desfrutar daquela água morna, azul e cristalina. Mas é evidente que não cometemos a besteira de irmos os três juntos para o mar, ao mesmo tempo. Lembramos da história contada pelo Amyr Kink, daquela tripulação que desapareceu depois do pularem todos n'água, sem, antes, baixarem a escadilha... Dias depois o barco foi achado vazio, com seu casco todo ar-

ranhado pelas unhas desesperadas dos infelizes tripulantes, tentando subir pelo costado!

...Olhei para o horizonte e vi um porquinho, lá longe. Parecia um navio. E era. Em exatos dez minutos ele passou por nós, à bombordo. Eu já tinha ido e ouvido muita coisa a respeito do tempo que um navio leva para alcançar um veleiro quando se cruzam no mar. Mas não acreditava que pudesse ser tão rápido! Pois é: dez minutos é o tempo que um petroleiro leva para passar por cima do seu barco, se você se distrair no meio do oceano.

...Era uma sexta-feira, dia em que muitos navegantes evitam sair, pois segundo a lenda dá azar. Eu não acredito nesta tolice, mas admito que pode ser verdade! Por via das dúvidas, fiz o sinal da cruz e partimos, na direção do breu da noite.

...Amarramos o Zimbras numa poita, em frente ao iate clube. O pôr-do-sol fazia as cores do céu mudarem a cada minuto. Um espetáculo. Finalmente, desde que deixara o Brasil, eu estava num lugar que correspondia aos meus sonhos. "Chegamos no Caribe, tripulação!", proclamei.

...Meu medo era bater num daqueles iates caríssimos, de algum americano penteado e levar um processo nas costas. Alguns listados de lá, segundo me disseram, criam até empresas com a única finalidade de registrar o barco como sendo delas. Assim, caso sejam vítimas de alguma ação judicial, apenas os bons da empresa responderem pelo prejuízo.

...Dezenas de lanchinhas zanzavam entre os veleiros, vendendo todo tipo de produtos e serviços: lavanderia, combustível, água, gelo... Para nós, ofereciam até um cardápio completo: cassinos, mulheres, bebidas e marjams. "Chegamos no paraíso", alguém gritou.

...Antigos, nosso último porto no Caribe, é um ex-território inglês imortalizado por ninguém menos que o Almirante Nelson. Eu estava excitado em poder conhecer o lugar onde viveu o famoso navegador. Finalmente iria encontrar alguém à minha altura, sem tanta modéstia...

...A diferença de temperatura entre os polos e o Equador faz com que o ar da atmosfera esteja em constante movimento. O ar frio dos polos move-se em direção ao Equador. Este movimento, associado à rotação da Terra, cria



EM BOA COMPANHIA
Ao longo da viagem, óbvio! Trocou várias vezes de companheiros a bordo. Beto (ao lado) foi um deles

A onda estourou sobre o cockpit e invadiu tudo. Lá dentro, só ouvimos o estrondo e sentimos a água entrando. "Você viu isso?", foi só o que consegui dizer

um sistema de ventos constantes, chamados "alísios". De forma simplificada, pode-se dizer que nos mares do sul os ventos predominam giram no sentido anti-horário e nos do norte no sentido horário. O nosso caminho até o leste acompanharia a ponte deste relógio invisível, mas real.

...No terceiro dia da travessia do Atlântico Norte, cruzamos o Trópico de Capricórnio. Aos poucos fomos nos entendendo com os alísios e o mar foi ficando cada vez mais dócil, sem molhadeiras no convés. Fizemos até nossa primeira refeição decente, com direito a entrada e sobremesa. Estávamos longe de tudo e de todos. Eu sentia uma sensação de medo e prazer, ao mesmo tempo. Cercado por um mar infinito, descobri que o nome do nosso planeta estava, definitivamente, errado. Deveria chamar-se Água.

...Alguém com valores considerados lícidos, jamais estaria onde estávamos, naquele momento. Mas era a minha escolha. Estava vivendo uma história que eu assumia por vontade própria. Na verdade, não queria estar em qualquer outro lugar do mundo. Em terra, adapto-me com facilidade à rotina. Odeio sinais vermelhos e ruídos de trabalho, por exemplo.

...Rumamos um pouco mais para norte. Queríamos chegar próximo dos 40° N, para fugir da "latidão dos cavalos", assim chamada pelos antigos navegadores por ser a região onde os barcos estancavam por causa dos fracos ventos e os animais de bordo eram abatidos, para servir de alimento à tripulação faminta. Finalmente achamos os alísios e a Corrente do Golfo. Abrimos as velas, desligamos o motor, e seguimos, felizes, na direção dos Açores.

...Bob jurou ter visto um iceberg. Era brincadeira, mas nós estava tão fora de propósito, assim. Estávamos pouco abaixo dos 40° N, o limite máximo onde se pode encontrar estes monstros gelados. Em poucos dias passaríamos perto do onde, em 1912, o desafortunado Titanic encontrou seu trágico destino. Xô uruca!

...Adiante uma hora no relógio do bordo. Explica: se dividimos os 360° do cir-

cunferência da Terra pelas 24 horas do dia, teremos o equivalente a uma hora para cada 15° de longitude percorridos. A mais, quando se segue para o leste, ou a menos quando se viaja para o oeste. Como cada grau corresponde, no Equador, a 60 milhas, significa que a cada 900 milhas, alteramos uma hora no relógio. Não entenderam? Não tem importância. Não muda nada à bordo mesmo...

...De repente, na descida de uma onda enorme, o piloto automático não respondeu com a rapidez necessária e o vagalhão arremetiu sobre o cockpit, invadindo tudo, inclusive o cabine. Lá dentro, tudo pareceu acontecer em câmera lenta: o barco adormeu, ouvimos o estrondo da onda e, finalmente, um aguaceiro dos diabos invadiu tudo. Beto e eu nos olhamos: "Você viu isto?", foi só o que consegui dizer.

...O mar aumentou e as ondas chegaram a três metros de altura, algumas até com cinco, amebentando na crista. Ficou feio de se ver. O Zimbros virou uma canoa sendo jogada de um lado para outro ao sabor dos elementos. E nós lá dentro, sem nada poder fazer.

...Quando estamos no mar, não vemos a hora de chegar em terra. Uma vez desembarcados, contamos nos dedos os minutos que faltam para voltarmos a navegar. É a febre do mar.

...Ao chegarmos próximos à marina, ficamos sabendo, pelo rádio, que não havia vagas. Não nos abateimos e seguimos até à próxima, que devia ficar ali ao lado. Na fitoral da Espanha existe uma marina a cada vinte milhas!

...Não éramos apenas turistas contemplativos e sim parte integrante da cidade. O Zimbros é uma casa flutuante, onde estão nossas roupas, livros, CDs e onde preparamos nosso almoço, como em qualquer casa do mundo. Com a vantagem de poder mudá-la a hora que quiser e encaixá-la onde bem escolher.

...Barcelona foi nosso derradeiro porto europeu. A partir de lá demos início à longa volta para casa. Muita água ainda nos aguardava pela proa até a Bahia.

...O mar cresceu um pouco, o suficiente para tornar nossa viagem desconfortável. Abrimos, então, as velas e arrêbamos para o continente, navegando em orça fechada, ou seja a quase 45° em relação ao vento. Como é possível um barco vencer contra o vento? Bem, ele não pode ir diretamente contra, mas pode seguir adiante com ventos de 30° a 45° em relação à proa. Neste caso, a vela funciona como



Por onde ele passou e passeou

A viagem de Osvaldo durou quase dois anos e foi do Brasil à Europa, passando pelas ilhas do Caribe



DE CÁ PARA LÁ
A ilha de
Fernando de
Noronha (ao lado
e abaixo, num belo
pôr-do-sol) serviu
de parada para o
Zimbros tanto na
ida quanto na
volta. Na primeira
vez, o barco
chegou lá através
da tradicional
regata Recife-
Noronha, do qual
também
participou. No
canto, a chegada
em Portugal, já do
outro lado do
Atlântico



**PAINEL DA
AVENTURA** O
Zimbo em
diferentes
momentos da
longa viagem:
ainda no Brasil
(ao lado), na
marina dos Açores
(à direita), depois
de cruzar o
Atlântico, sendo
reparado no seco
em Trindade (logo
abaixo),
navegando
próximo da costa
(no meio) e
ancorado no meio
dos muitos barcos
na belíssima St.
Ivete, no Caribe
(abaixo), a ilha
que Osvaldo mais
apreciou na região



Barcelona foi nosso último porto europeu. A partir de lá, demos início a longa volta para casa. Muita água ainda nos aguardava pela proa até Santa Catarina

a asa de um avião. O seu formato obriga o fluxo de ar a percorrer um caminho mais longo do um lado do que do outro, o que gera uma diferença de pressão entre as duas superfícies. O barco, na verdade, é puxado, e não empurrado, pelo vento.

No final de tarde, fui chamado ao cockpit pela gritaria do Beto. Estávamos sendo comboiados por um cardume de baleias-piloto! Eram muitas, de todos os tamanhos, e seguíram o Zimbros por um bom tempo, com incríveis acrobacias.

O barco da polícia retirava da água enormes embrulhos, com vários pacotes de haxixe dentro, todos cuidadosamente embalados para que não molhassem. Caramba, nós já tínhamos visto um iguazinho àquela, boiando próximo ao litoral! Valsa uma fortuna e nós achamos que fosse lixo.

Ao examinar os documentos do Bob, o fiscal da imigração marroquina achou esquisito ele ter dois passaportes. "É que um deles tem o visto americano", explicou. Mas o cara não se convenceu e passou a nos olhar como contrabandistas. Resolveu dar uma geral à bordo. Começou por revistar o camarote de proa, depois o barco inteiro. Sentou-se todo molhado nas camas e revirou tudo em busca de alguma mamba. Em vão, é claro. A única droga à bordo era a bagueta que ele deixou.

Quando faltava menos de um dia para chegarmos às Canárias, surgiu uma dúvida quanto ao nosso próximo destino: aportar em Tenerife ou em Gran Canaria? Deixamos que o vento decidisse...

Eu arrastava desde o Mediterrâneo uma linha para tentar pescar algo. Depois de alguns dias no mar, o gelo acaba e não há como ter comida fresca à bordo. Um peixe, portanto, é sempre bom vindo. Mas só fiz perder muitas iscas ao longo do caminho. Finalmente, numa manhã brilhante, senti uma fogaçada na linha e embarcamos um pequeno dourado, com cerca de um quilo. Nada de mais, exceto pelo fato de ser o nosso primeiro peixe em centenas de milhas.

Ao anoitecer, fui testemunha de um espetáculo insólito. A lua estava quase cheia e o mar tranquilo. Só, com meus pensamentos, deflato no cockpit, olhava a lua bem acima da minha cabeça. Aos poucos, entretanto, notei que o disco prateado foi diminuindo de tamanho, coberto por uma

sombra misteriosa. Em poucos minutos, só era possível ver um anel brilhante no céu. Não pude acreditar, mas testemunhava um singular eclipse em pleno Atlântico!

Descobrimos que era possível amarrar o timão a um pequeno cabo e improvisar um piloto automático. Era uma gambiarrá dos diábolos e tínhamos que estar sempre de olho para que o Zimbros não entrasse no vento. Batizamos a invenção com o sugestivo nome de Limitador de Piloto Tabajara.

Um cardume de orcas emergiu rápido por bombordo. Logo, a poucos metros, passou um enorme salish azul, com sua enorme nadadeira dorsal servindo de vela. Uma tarde flegamos um dourado de uns cinco quilos. O mar era um enorme seaworld.

Cruzamos com um enorme barco de pesca espanhol, que voltava para o seu país, vindo da Argentina. Nos confirmou que o tempo para baixo estava feio, com ondas grandes e ventos fortes. O operador do rádio pareceu assustado com o tamanho do nosso barquinho e a nossa ousadia.

À meia-noite, passamos pelo tráfego da ilha Rata e jogamos âncora nas águas claras de Fernando de Noronha. Há via sido uma odisséia! Descobri que o pior no mar não é o tamanho das ondas nem a força do vento. É o tempo que passamos sujeitos a elas.

O barco virou um frisson de gente, todos querendo vê-lo. "Beto, vivamos celestidade!" cochicheli, orgulhoso.

Nos aproximamos aos poucos do litoral catarinense e me delícié identificando alguns pontos familiares em terra. Às 17 h, vi na proa o Morro de Santa Luzia, em Blumenau. A leste, o belo perfil de Ilha do Arvoredo. E, mais adiante, a porta de Porto Belo. "Estou em casa" pensei.

Às 21 h, o Zimbros entrou discreto pelas bóias que demarcam o acesso ao Iate Clube de Porto Belo. Estava escuro e chovia. No caos todo molhado, joguei o cabo às únicas duas pessoas que me aguardavam: o porteiro Zezinho e o vigia Pedro. Desembarquei e fiz questão de apertar a mão de ambos, as únicas testemunhas da nossa chegada.

Para ler mais sobre a viagem

O objetivo de Osvaldo é transformar o relato completo de sua longa viagem num livro, o que deve acontecer em breve. Enquanto isso, quem quiser ler a íntegra de sua narrativa pode acessar os capítulos no site www.lateclubeportobelo.com.br.